

Governo pede o reescalonamento

NAPOLEÃO SABOYA
Especial para "O Estado"

PARIS — O governo brasileiro formalizou junto ao Clube de Paris, o pedido de reescalonamento das dívidas do País com os países-membros do organismo, referentes a créditos de exportação garantidos pelos Estados ou empréstimos diretamente concedidos por governos. Com isso, o Brasil obterá US\$ 2 bilhões do clube até 1984, conforme previu ontem, otimista, o ministro do Planejamento, o próprio Delfim Netto, ao confirmar a notícia.

Segundo o ministro, uma vez entregue a carta pedindo o reescalonamento ao clube, ficam suspensos automaticamente os pagamentos que o Brasil teria de fazer aos governos que compõem o organismo. Delfim Netto garantiu, também, que a carta do governo brasileiro, entregue anteontem, teve "boa aceitação" do Clube de Paris e que, por isso, os países-membros deverão aceitar a proposta de pagamento dos débitos brasileiros em oito anos, com três de carência.

Ele também lembrou que uma das cláusulas do clube para a renegociação de dívidas estabelece que o assunto só pode ser discutido depois de definido um acordo com o Fundo Monetário Internacional. Mas o ministro acredita que o novo acordo entre o Brasil e o Fundo logo será decidido e disse estar somente "ganhando tempo" nesses seus contatos em Paris.

"ONTEM, ERA PREMATURO"

Na capital francesa, Delfim passou toda a manhã de ontem em local ignorado, reunido com o diretor geral do FMI, Jacques De Larosiere — com quem voltará a se encontrar hoje —, e o presidente do Clube de Paris, Michel Candessus. À tarde, pouco antes de reunir-se com o ministro das Finanças da França, Jacques Delors, às 17h40, (locais) é que ele confirmou o recurso ao clube, em um rápido e tumultuado encontro com a imprensa. À entrada do gabinete de Delors, Delfim, em certos momentos visivelmente irritado, teve a seguinte discussão com a imprensa:

— Estamos aqui, tratando de aspectos dos financiamentos com o Clube de Paris e terminando os entendimentos com o FMI — disse o ministro, inicialmente.

— O senhor não disse que não iria ao clube?

— Disse, porque não tinha conversado primeiro.

— Mas o senhor deu a entender que essa ida não seria iminente.

— Não dei a entender. Disse que no momento apropriado iria. O momento apropriado é hoje (ontem).

— Mas o senhor disse que era prematuro ir...

— Não disse que era prematuro. Disse que no momento apropriado viríamos.

— Nós temos gravado que seria prematuro, prematuro...

— Qual a importância que tem de ser ou não prematuro vir? Quem diz que é prematuro é quem está negociando. Ontem, era prematuro; hoje, está maduro.

— Mas o senhor disse que não estava vindo ao clube, estava vindo para falar com o ministro Delors...

— O ministro da França não tem nada com isso.

— Como foi a conversa com De Larosiere?

— Conversa bastante boa. Só darei detalhes quando terminar a conversa (referindo-se ao novo encontro marcado para hoje).

A um jornalista francês, Delfim Netto declarou que, após a segunda reunião com o diretor do FMI, retornaria diretamente ao Brasil, hoje. A seguir, abreviando o contato com a imprensa, o ministro foi encaminhado ao gabinete de Delors, prometendo reencontrar os jornalistas às 20 horas, no Banco do Brasil, para "maiores detalhes".

Às 20 horas, Delfim Netto disse que seu encontro de ontem com De Larosiere foi "proveitoso". "Examinamos a economia brasileira. Toda a essência do assunto é a exequibilidade do programa do governo brasileiro em relação ao corte do déficit público, inflação, etc."

Com o ministro francês Jacques Delors, ele disse que conversou sobre a economia mundial: "Foi um encontro informal, de cortesia, que aconte-

ceu por iniciativa de Delors". Em relação aos contatos com os banqueiros, o ministro do Planejamento afirmou: "Só conversei com dois deles, mas durante essas conversas não entramos em maiores detalhes".

ESCONDE-ESCONDE

Os correspondentes brasileiros em Paris tiveram, ontem, uma manhã de *tricherie* (*tricher* — enganar, dissimular), que é, talvez, a palavra mais adequada para caracterizar a passagem do ministro Delfim Netto pela capital francesa. E esse turno de negações, jogo de esconde-esconde, manobras diversionistas e dribles para resguardar Delfim Netto da imprensa acabou sendo encerrado, ao meio-dia, curiosamente, por um cidadão que atende pelo nome de Trichet, Jean-Claude Trichet, que é simplesmente o primeiro assessor do Clube de Paris e a quem o ministro foi pleitear reescalonamentos e outros balões de oxigênio para as moribundas finanças do Brasil.

Na verdade, a atmosfera de *tricherie* foi criada logo após o desembarque de Delfim em Orly, anteontem, quando ele disse que viera a Paris encontrar-se com o diretor do FMI, Jacques De Larosiere e, a seguir, disparou a toda a velocidade para o centro da cidade, despistando os repórteres. Pouco depois, a agência de notícias *France-Presse* informava que Delfim viera, na verdade, encontrar-se com Jacques Delors e o escritório do Banco Mundial em Paris revelava que De Larosiere já se encontrava em Washington.

Coincidentemente hospedados num hotel chamado "Larosiere", os jornalistas brasileiros que vieram de outras partes da Europa para cobrir a viagem de Delfim juntaram suas perplexidades às de seus colegas franceses até alta madrugada, sem que ninguém pudesse desvendar a verdade.

MANOBRAS

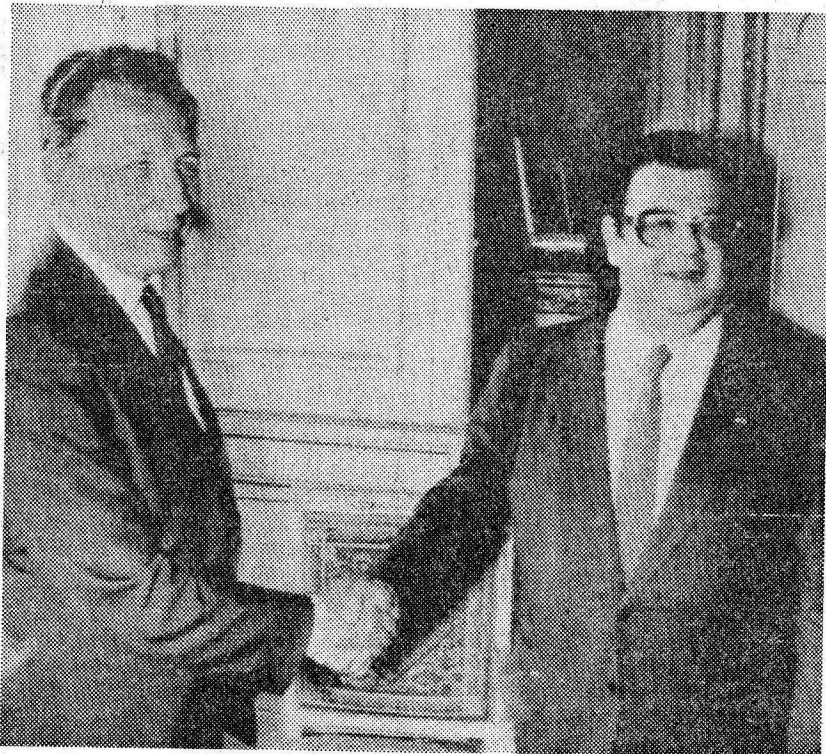
Visto o clima de desconfiança reinante, o repórter de *O Estado* bateu ontem, logo cedo, às portas do Banco Mundial, onde uma funcionária inglesa lamentou, desolada, "que nada podia fazer pela imprensa" e que todas as informações sobre o encontro Delfim-De Larosiere eram "inteiramente falsas". Então, o chefe de segurança do edifício deu a entender que a presença do repórter ali não tinha mais sentido, comunicando-lhe que a entrada da imprensa no local estava proibida e dando seu "palpite" de que a reunião ocorreria na sede da OCDE ou no Ministério das Finanças. "Mas fique certo de que, por medidas de segurança, haverá manobras diversionistas nessa história", alertou.

O repórter dirigiu-se, então, para a OCDE, onde o chefe da Divisão de Relações Internacionais o recebeu, dando-lhe boas-vindas e cafézinho e conduzindo-o ao salão de espera, indo, a seguir, checar a hora do encontro e tomar outras providências para a recepção a Delfim. Uma hora depois, o alto funcionário voltou, já sem as mesuras, argüindo a condição do repórter de representante do "grande jornal *O Estado de S. Paulo* e não do governo da província brasileira que recebia o mesmo nome" e conduzindo-o para a porta de saída, onde negou peremptoriamente que a reunião seria ali.

O repórter dirigiu-se, ainda, ao Clube de Paris, onde o principal assessor, Jean-Claude Trichet informou que só as autoridades brasileiras poderiam informar sobre o recurso ou não àquele organismo.

À tarde, pelo menos uma coisa era certa: a entrevista do ministro Botafogo Gonçalves, assessor de Delfim, na agência do Banco do Brasil, onde, ao contrário do que se esperava, ele não deu nenhuma informação sobre os negócios do ministro do Planejamento em Paris, limitando-se a distribuir uma nota pessoal sobre a questão da dívida polonesa com o Brasil.

O assessor também confirmou o encontro de Delfim com Jacques Delors, marcado para as 17h40, no Ministério das Finanças, para onde correram os jornalistas, na esperança de abordar o fugidio ministro. Lá, tiveram uma nova surpresa: na parte da manhã, Delfim havia formalizado o recurso ao Clube de Paris, que ele mesmo considerara "prematuro" na véspera. Assim, a manhã de *tricherie* acabou-se transformando, afinal, em uma jornada inteira.



Radiofoto AP

Com Delors, Delfim conversou "sobre a economia mundial"